

## **A representação social sobre o surdo na mídia digital**

### *The social representation of the deaf in digital media*

*Tayana Dias de Menezes*

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

#### **Resumo**

O objetivo primeiro do artigo é averiguar quais os elementos organizam a representação social (RS) sobre o surdo dentro de discursos construídos pela própria comunidade surda na mídia digital. Para cumprir o propósito, analisamos perfis, administrados por surdos, em diferentes redes sociais: no Facebook e no Instagram, a saber Surdovisão e Isflocos. A pesquisa foi orientada pela Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por Moscovici (1978; 2003; 2015) e seus principais discípulos, e pela perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso, especialmente em Van Dijk (1998; 2002; 2008; 2015; 2016). Averiguamos que os textos, presentes nessa esfera, revelam uma luta contínua contra o olhar pernicioso da alteridade, a

comunidade ouvinte, e a reivindicação de uma representação positiva sobre o surdo e sobre a surdez.

**Palavras-chave:** representação social; surdos; redes sociais; discurso.

## Abstract

The main objective of this paper is to find out which elements organize the social representation (SR) about the deaf within discourses constructed by the deaf community itself in digital media. To fulfill the purpose, we analyzed profiles, managed by deaf people, on different social networks: on Facebook and Instagram, namely Surdovisão and Isflocos. The research was guided by the Theory of Social Representations (TSR), developed by Moscovici (1978; 2003; 2015) and his main disciples, and by Sociocognitive Discourse Analysis, especially in Van Dijk (1998; 2002; 2008; 2015; 2016). We verified that the texts, present in this space, reveal a continuous struggle against the pernicious gaze of otherness, the hearing Community, and the claim of a positive representation about the deaf and about deafness.

**Keywords:** Social Representation; Deaf; Social Media; Discourse.

**Cómo citar:** Días de Menezes, Tayana. (2025). A representação social sobre o surdo na mídia digital. *Discurso & Sociedad*, 19(1), 93-119.

<https://doi.org/10.14198/dissoc.19.1.05>

**Fecha de recepción:** 08/07/2024

**Fecha de aceptación:** 11/10/2024

**Conflicto de intereses:** o autor declara não ter conflito de interesses.

**Financiación:** este trabalho não foi financiado.

© 2025 Tayana Días de Menezes

Este trabajo se comparte bajo la licencia de Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional de Creative Commons (CC BY-NC-SA 4.0):

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>



## Introdução

Segundo o IBGE, os dados foram apresentados em agosto de 2023 pelo jornal da USP, 5% da população brasileira apresenta algum tipo de surdez, isso significa que mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum traço de perda auditiva. No entanto, 2,7 milhões têm surdez profunda. Isto é, uma parcela da sociedade brasileira faz parte do grupo surdos, mas muito pouco se sabe e se discute sobre a língua dessa minoria e sobre o universo da surdez. Quais são os conhecimentos a respeito desse universo que circulam na sociedade?

A presente pesquisa tem por objetivo primeiro averiguar quais os elementos organizam a representação social (RS) sobre o surdo dentro de discursos construídos pela própria comunidade surda na mídia digital. Analisamos perfis organizados por surdos nas mídias sociais, em particular o Facebook e o Instagram para compreender como a RS sobre o surdo, (re)construída em momentos discursivos, influencia as práticas sociais. Essa esfera foi escolhida porque os textos que circulam nas redes sociais são amplamente divulgados, ou seja, alcançam um número expressivo de leitores. Segundo Acioli *et al* (2021, p. 141), “a propagação de redes sociais digitais aponta para uma reconfiguração dos processos comunicacionais a partir de uma lógica de dispersão e do compartilhamento”. O artigo supracitado aponta o Facebook como a rede social mais usada no mundo, com mais de três bilhões de usuários. Além disso, as novas tecnologias digitais de comunicação marcam novas estratégias de interação. Segundo Abella (2017, p. 87), as redes sociais apresentam-se “como um paradigma participativo que defende a comunicação baseada no diálogo e na luta por dar voz aos grupos socialmente excluídos”. Dessa forma, sujeitos surdos têm espaço para se posicionarem dentro dessas redes, assim estas tornam-se lugares privilegiados para observar fenômenos que envolvem a interação de grupos antes silenciados.

Salientamos a relevância da pesquisa, uma vez que os estudos sobre o tema ainda são incipientes. Os estudos na área estão, atualmente, concentrados na análise da estrutura da Libras, enquanto uma língua gesto-visual. No entanto, a área carece de estudos sobre práticas que envolvem surdos e ouvintes e seus desdobramentos em relação à desigualdade de poder entre eles. Além disso, vivemos numa época urgente: os grupos minoritários lutam por espaço social e reconhecimento. Os surdos fazem parte dessa minoria ativa que lutam para subverter discursos e práticas discriminatórias naturalizadas.

O trabalho é, teoricamente, orientado pela Teoria da Representação Social (TRS), desenvolvida por Moscovici (1978; 2003; 2015) e pela perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso, especialmente em Van Dijk (1998; 2002; 2008; 2015; 2016). O entrelaçamento das teorias nos fornece os insumos teóricos necessários para entender e analisar a (re)construção da RS sobre o surdo dentro dos discursos que circulam nas redes sociais. Encaramos a RS enquanto um conjunto de saberes práticos que orientam os sujeitos nas suas diversas práticas sociais. Ou seja, é um fenômeno de natureza social e cognitivo. Além disso, encaramos a língua como uma prática social que se dá por meio da interação entre sujeitos que agem e pensam sobre a realidade social em que vivem.

### **Metodologia**

Sendo a RS um amálgama de conhecimentos – socialmente compartilhados, experiências individuais etc. – selecionados pelos sujeitos para entender e agir sobre a realidade que o cerca; como teríamos acesso à RS sobre o surdo? Por meio do discurso, uma vez que as práticas discursivas influenciam e são influenciadas pela organização cognitiva que os sujeitos (re)elaboram sobre a realidade social, “[...] todas as ligações entre discurso e sociedade são mediadas pela cognição social” (VAN DIJK, 2015, p. 26).

Nossa pesquisa foi descritiva e interpretativa e a perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso nos deu sustentáculo teórico-metodológico necessário para verificar os discursos, na mídia digital, que tratam sobre o surdo; sobre a surdez e assuntos circunvizinhos.

Ao selecionar a esfera onde foi gerado os discursos analisados, levamos em conta o alcance que as informações e os conteúdos divulgados nestes têm. Por esse motivo, foi escolhido como fonte de material de análise a mídia digital, especialmente algumas redes sociais, como Facebook e Instagram. Além disso, as redes sociais dão espaço para grupos que antes não tinham acesso às mídias de massa, como a televisão e a rádio. O Facebook e o Instagram oferecem espaço para grupos, como os surdos, se posicionarem e defenderem pautas de seu interesse. As redes sociais, conforme Abella (2017), dão espaço para todos “os emissores comuns” (p. 93), todos têm acesso para “soltar a voz para o mundo” (p.94), isso as tornam um palco para as disputas de interesse entre os mais diferentes grupos sociais.

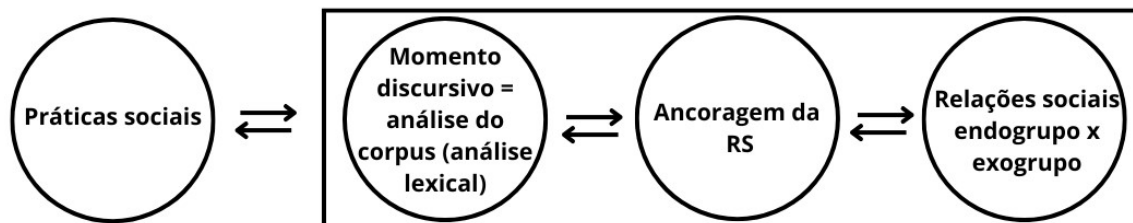
Os critérios para a seleção dos perfis analisados foram: 1) ser um perfil dirigido por surdos e 2) tratar sobre assuntos como: o universo da surdez, a vivência do surdo em diferentes esferas sociais e a Libras. Fizemos um

levantamento de doze perfis no total administrados por surdos, e, posteriormente, uma análise dos que centralizam o sujeito surdo e os assuntos ligados ao universo da surdez. Filtramos, dos doze, dois – Isflocos e Surdovisão – para selecionar o *corpus* do trabalho. Além do conteúdo, outro critério de seleção do *corpus* foi o número de visualizações e curtidas do material publicado nos perfis.

Para compreender a (re)construção da RS sobre os surdos dentro da mídia digital e como esta é ancorada, analisamos os discursos que circulam nesta esfera social. Revisamos, para isso, alguns princípios básicos da TRS e da perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso, incluindo seus recentes desenvolvimentos teóricos. Essa última teoria foi selecionada porque ela dá conta de esmiuçar o discurso sem ignorar os pilares que o constituem. Isto é, a teoria encara a cognição – elemento indispensável ao analisar a RS – na interface entre o discurso e a sociedade. Além disso, Van Dijk (2006) leva em conta o conhecimento para pensar sobre a (re)construção dos discursos que circulam socialmente. Ademais, conforme Alaya (2014), a TRS são teorias ou conhecimentos selecionados e organizados por sujeitos sociais para entender os objetos que o circundam. Ou seja, tanto a perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso como a TRS levam em consideração o conhecimento, a forma como ele é (re)construído dentro do discurso público e refletem sobre como estes afetam a mente e as práticas sociais dos sujeitos. Para mais, o próprio Moscovici (1978) em seu estudo seminal, utilizou a análise de discurso de diferentes esferas jornalísticas para cumprir seu objetivo.

Segundo Resende (2021), o momento discursivo é um dos elementos da prática social, sendo este último constituído por mais três momentos: fenômenos mentais, que serão tratados no artigo enquanto RS, relações sociais e atividade material. Analisaremos momentos discursivos específicos para compreender como se articulam os demais momentos, isto é, como a (re)construção de RS sobre o surdo impacta nas relações sociais e nas práticas materiais. Analisaremos a seleção lexical, enquanto marcas linguísticas, para esmiuçar as relações entre os momentos de prática supracitados. Em síntese, o momento discursivo, para a análise da prática social, se articula com outros elementos:

Figura 1- Gráfico analítico



Fonte: autoria própria

Desta forma, por meio dos textos selecionados para análise, observaremos com mais atenção quais são os elementos que compõe a RS sobre o surdo dentro da mídia digital – hoje, grande influenciadora em relação às crenças e posições que os sujeitos assumem. Essa análise nos deu condições de compreender de que maneira estão ancorados os conhecimentos que os sujeitos têm sobre o surdo e, conseqüentemente, auxiliou também a compreender os fundamentos de prática discriminatórias naturalizadas. Vale ressaltar, que compreender as práticas discriminatórias é o primeiro passo para reavaliá-las.

## Fundamentação teórica

Nessa seção faremos uma breve discussão sobre os conceitos basilares que sustentam teoricamente o artigo, a saber: a Teoria das Representações Sociais (TRS) e a perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso.

### **A Teoria das Representações Sociais: princípios epistemológicos basilares**

Ao propor a Teoria das Representações Sociais (TRS), Moscovici sofreu influência dos pensamentos de Durkheim. O sociólogo defendia o conceito das Representações Coletivas, responsável pela coesão social. Moscovici, por sua vez, no início dos anos 60, renovou a teoria despertando o interesse de um pequeno grupo de psicólogos sociais. Pois, seu posicionamento contribuiu para a compreensão sobre a (re)construção do pensamento socialmente compartilhado, por meio de interações no cotidiano, e do conhecimento do senso comum.

Durkheim (1994) defendia que o indivíduo não tinha qualquer influência sobre a (re)construção do pensamento social, apenas o corpo social conseguiria influenciar o pensamento individual. Em outras palavras, dentro da teoria das Representações Coletivas havia uma cisão entre os fenômenos estudados pela psicologia (representação individuais: fenômenos subjetivos enraizados na consciência) e os fenômenos estudados pela sociologia (representações coletivas: fenômeno social imutável e homogêneo), duas áreas de estudo encaradas como opostas por Durkheim.

Moscovici, psicólogo social romeno, realizou o primeiro esboço da TRS com o seu trabalho seminal: *La psychanalyse, son, image el son public* (1976). O autor propôs uma mudança conceitual significativa na noção de Representação Coletiva para Representações Sociais (RS), pois acreditava que o conceito criado

por Durkheim possuía limitações referentes à dinâmica entre o indivíduo e o coletivo/ sociedade. O conceito de Durkheim era demasiado estático. Isto é, a mudança proposta por Moscovici ia muito além de uma simples mudança de nomenclatura, sua proposta renovou questões epistemológicas sobre o assunto.

Moscovici (2015) divergia de Durkheim em alguns pontos: encarava os fenômenos sociais de forma complexa e dinâmica pois, diferente do conceito durkheimiano, a RS está em constante mudança. Moscovici também defende que as representações sociais deveriam auxiliar os sujeitos a compreender e comunicar a realidade social. O psicólogo social considerava que o conceito de representações coletivas não era amplo ou heterogêneo e, por isso, não dava conta de explicar o processo de (re)construção do conhecimento socialmente compartilhado e, conseqüentemente, das práticas sociais.

Embora Moscovici tenha sido quem propôs inicialmente a teoria, seus principais discípulos foram responsáveis por preencher as lacunas deixadas por ele. Aspectos como a organização da estrutura interna da RS foi explicada por Abric (2003); a relação entre a cultura e o funcionamento da RS foi investigado por Jodelet (2005); o conceito de *themata*<sup>1</sup> embora proposto por Moscovici (2015) foi aperfeiçoado por Marková (2006).

A TRS tem como desafio compreender e explicar a (re)construção dos significados simbólicos dos objetos que constituem a nossa realidade social, a (re)construção dos conhecimentos socialmente compartilhados, levando em conta os fenômenos sociais e individuais – tratando-os como um *continuum*. Jodelet, uma das discípulas de Moscovici, aponta para um sério risco nos estudos sobre a RS:

[...] o fato de que se trate de uma forma de *conhecimento* acarreta o risco de reduzi-la a um evento intraindividual, onde o social intervém apenas secundariamente; o fato de se tratar de uma forma de pensamento social acarreta o risco de diluí-la nos fenômenos culturais ou ideológico (JODELET, 1984, p.36).

A partir do posicionamento de Jodelet (1984) supracitado, podemos entender que o fenômeno, segundo a TRS, acontece na inter-relação entre indivíduos e sociedade. Além disso, Moscovici (2015) defende a existência, na sociedade, de dois sistemas de pensamento distintos: os reificados e os consensuais. O primeiro é formado pelos pensamentos eruditos que são produzidos e circulam no âmbito científico. O segundo, por sua vez, é formado pelo pensamento do senso comum,

---

<sup>1</sup> O conceito não faz parte do escopo do artigo, para mais detalhes consultar: **MENEZES, Tayana Dias de (2021)**. A abordagem dialógica e o discurso: um estudo sobre a representação social sobre os surdos. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n.4, e421.

fruto das interações sociais e do compartilhamento do conhecimento. Ambos os pensamentos possuem uma inter-relação, novos conhecimentos são formulados no universo reificado e absorvido pelo universo consensual. Os sujeitos, para compreender o mundo e se posicionar nele, (re)formulam verdadeiras teorias de senso comum para lidar com o não familiar. Para Jodelet (1994), a natureza dos fenômenos da RS é definindo como: "[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (JODELET, 1994, p. 36, apud SÁ, 1994, p.32).

Na TRS, Moscovici aponta dois processos fundamentais para a (re)criação da RS: objetivação e ancoragem. O processo de objetivação explica como se organiza os elementos constituintes da representação e os critérios normativos para que os objetos adquiram materialidade. Em outras palavras, a objetivação é responsável pela atribuição de concretude às teorias socialmente compartilhadas. A ancoragem, por sua vez, é responsável pela classificação e pela organização categorial dos objetos sociais. Esse último processo é o responsável pela transformação de algo novo e estranho em familiar.

A TRS conta com diversas abordagens, dentre as quais a abordagem do Núcleo Central, que possui como um de seus maiores representantes Abric. Ele, um dos discípulos de Moscovici, propôs que a organização da RS é composta pelo núcleo central – responsável por gerar o significado da RS; pela estabilidade da RS; pela organização da estrutura – e por um sistema periférico. Podemos resumir as funções e as características de ambos pelo quadro:

Tabela 1

*Síntese das características do sistema central e do sistema periférico*

<b>Sistema Central</b>	<b>Sistema periférico</b>
Ligado à memória coletiva e à história do grupo;	Permite a integração das experiências e histórias individuais;
Consensual, define a homogeneidade do grupo;	Suporta a heterogeneidade do grupo;
Estável, coerente, rígido;	Flexível, suporta as contradições
Resistente à mudança;	Evolutivo;
Pouco sensível ao contexto imediato;	Sensível ao contexto imediato;
Funções: gera a significação da representação, determina sua organização.	Funções: permite adaptação à realidade concreta, permite a diferenciação do conteúdo, protege o sistema central.

Fonte: (SÁ, 1996, p. 74- 75)

A abordagem de Abric é fundamental porque, por meio dela, é possível compreender como a RS é ancorada por elementos supostamente contraditórios,



uma vez que o núcleo central está relacionado com os significados históricos de uma representação enquanto que o sistema periférico se adapta ao contexto imediato. Podemos pensar, para exemplificar, na RS sobre o surdo, embora hoje circulem discursos de empoderamento surdo, o elemento central da RS sobre o surdo ainda é a deficiência<sup>2</sup> – elementos, aparentemente, contraditórios, mas que se sustentam por conta da dinâmica da estrutura interna da RS.

Após uma breve revisão sobre os princípios epistemológicos que sustentam a TRS, faremos também uma breve discussão sobre a Análise Sociocognitivista, especialmente baseada em Van Dijk (2015).

### **A perspectiva teórico-metodológica Sociocognitivista de Análise Crítica do Discurso**

Van Dijk entende o discurso como “um evento comunicativo específico, em geral, e uma forma escrita ou oral de interação verbal, ou de uso da linguagem, em particular” (VAN DIJK, 2002, p. 192). Basearemos a nossa pesquisa na análise sociocognitiva, buscando entender e explicar as relações entre as estruturas do discurso e a sociedade, mediada pela cognição, formando a tríade analítica Discurso-Cognição-Sociedade.

O estudo da análise cognitiva do processamento discursivo pode contribuir para perceber o processamento da linguagem e sua atuação, ou seja, a interface necessária entre a interação do nível micro (aspectos textuais) e do nível macro (as macroestruturas sociais), segundo Van Dijk (2015). Além disso, a perspectiva adotada nos ajudará a entender como a RS sobre o surdo, enquanto um conjunto de conhecimento, é (re)construída nos discursos que circulam dentro de redes sociais, a saber do Facebook e do Instagram, e como impactam as relações sociais e práticas sociais.

A perspectiva também nos auxilia na investigação sobre como noções fundamentais, como ideologia e poder, atravessam o discurso e (re)constróem a RS sobre o surdo. Van Dijk (2016) acredita que:

[...]o discurso discriminatório e outras práticas sociais estão envolvidos na reprodução diária de estruturas sociais de dominação e resistência. Assim, problemas como o racismo e o sexismo podem influenciar as ações dos sujeitos por meio da interface cognitiva das atitudes socialmente compartilhadas e de modelos mentais pessoais (VAN DIJK, 2016, p. 16).

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes consultar: **MENEZES, tayana Dias de. (2020). *A (re)construção da representação social sobre o surdo e suas marcas discursivas*. 243 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife.**

A perspectiva Sóciocognitivista de Análise Crítica do Discurso, como explica Van Dijk (2015), é composta por uma tríade que deve ser analisada sem exclusão dos seus elementos. A possível exclusão de um dos elementos, o discurso; as estruturas sociais e a cognição, incorre no risco de tornar a análise reducionista, pois, a cognição forma uma relação constitutiva entre o discurso e a sociedade. As razões dessa interrelação são:

[...](1) o discurso é realmente produzindo/interpretado por indivíduos, mas eles são capazes de fazê-lo apenas com base em conhecimentos e crenças socialmente partilhados; (2) o discurso só pode 'afetar' as estruturas de discurso através das mentes sociais dos participantes do discurso; e reciprocamente (3) as estruturas sociais só podem 'afetar' as estruturas de discurso através da cognição social (VAN DIJK, 2015, p. 23).

Os sujeitos construtores dos discursos não falam apenas como um indivíduo, mas como um membro de um grupo social específico. Essa noção de pertencimento grupal é relevante para o trabalho porque, ao proferir um discurso, os sujeitos mobilizam saberes socialmente compartilhados pelo grupo social a qual pertencem. Ou seja, um surdo (re)formula um discurso com base nos saberes compartilhados pela sua comunidade epistêmica. Por isso, ao analisarmos as RS (re)construídas dentro de discursos específicos, estamos, na verdade, analisando as RS compartilhadas pelo grupo social.

Van Dijk (2002) afirma que as relações argumentativas do discurso revelam, em sua maior parte, ideologias. A análise do discurso descortina a ideologia presente nas práticas linguageiras e nas demais. Desta forma, concluímos que entender as ideologias, é, em parte, entender os interesses e crenças de um grupo específico. Para Irineu (2013), as ideologias podem se adaptar aos diferentes contextos por conta de sua relação com os objetivos e com interesses grupais.

Deste modo, os sujeitos podem adaptar as representações compartilhadas às suas necessidades pessoais e às restrições contextuais. Assim, as variações e contradições na atuação ou expressão das ideologias são perfeitamente compatíveis, por isso as ideologias podem mudar em consequência de interesses sociais que permutam experiências cotidianas dos diversos membros dos grupos sociais (IRINEU, 2013, p. 158).

Segundo Silva (2015, p. 60) ideologia “é um conjunto explícito e implícito de ideias e crenças assumidos por um grupo de pessoas, que conduz a uma representação mental do mundo e serve para unir indivíduos em ordem a alguma

forma social.” A perspectiva sociocognitivista do discurso toma a ideologia como uma noção fundamental constituída/ constituinte da/na consciência dos sujeitos. Ela atravessa, por isso, a constituição da própria representação.

Para Jodelet (1998), é fundamental a noção do outro para compreensão e constituição do real. Construimos o conhecimento sobre a realidade e sobre nós mesmos a partir do outro, da alteridade. Neste sentido, o conceito de alteridade é construído na/ pela relação social, para estabelecer o dialogismo entre o Eu e o Outro. É no discurso, portanto, que os sujeitos, em suas interações verbais, produzirão suas representações, e por meio dessa dinâmica social e discursiva, podemos analisar as tensões e a formação de sistemas ideológicos responsáveis pela manutenção de estereótipos.

Outra noção fundamental da abordagem sociocognitivista é o poder. Ele é definido como o controle de recursos socialmente valorizados. Os membros de grupos estigmatizados sofrem, de maneira indireta, a influência cognitiva exercida pela elite dominante. As classes dominantes controlam o acesso aos discursos que circulam socialmente e controlam também a produção destes. Van Dijk (2015, p. 22) explica:

A reprodução da dominação na sociedade contemporânea é realizada essencialmente através da manutenção e da legitimação de padrões desiguais de acesso ao discurso e à comunicação e, portanto, à opinião pública: quem é autorizado (ou obrigado) a falar ou ouvir a quem, com, sobre o quê, quando, onde e com que consequências.

Diante do exposto, a análise do discurso pode auxiliar na compreensão sobre a (re)construção da RS, uma vez que ela é um fenômeno que sustenta e orienta as práticas sociais. Além disso, pode auxiliar no entendimento sobre a elaboração/ consolidação da RS, enquanto sistema de pensamento, ou conhecimentos que regem as práticas sociais. Assim, investigar os “fenômenos complexos” (JODELET, 1991, p. 34), isto é, a RS, pode ajudar a destrinchar e entender a relação entre a ideologia, o poder, e como estes interferem na dominação e nas práticas discursivas.

Além disso, segundo os novos desdobramentos da Análise do Discurso Crítica (ADC) o discurso é um momento do social, para Resende (2021, p. 33), “a prática social é composta de discurso (ou semioses), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformações dessas relações) e fenômeno mental [...]”. Esses elementos da prática se articulam e se internalizam sem que haja redução um do outro.

O discurso possui estruturas de diferentes níveis, macro e micro, que estão inter-relacionadas. Van Dijk (2015, p.32) cita exemplo dessas estruturas no texto jornalístico como: tópico, esquemas, sentido local, estilo, sintaxe e retórica. Neste sentido, temos que levar em conta os níveis micro (ex. os propósitos das escolhas lexicais na elaboração do discurso) e ou outros momentos que constituem a prática social. Conforme Resende (2021, p. 38), “o produto social *texto* articula e internaliza traços de processos sociais”, isto é, o texto e suas marcas linguísticas internalizam e articulam elementos que constituem a prática: relações sociais, discurso, fenômeno mental e atividade material. Destrinchar esses elementos nos fornecerá o arcabouço necessário para compreender práticas que envolvem os surdos.

A análise do discurso nos ajudará a identificar e analisar os elementos que ancoram a RS sobre o surdo, além disso, ajudar-nos-á também a explicar, sustentados por noções sociais, como as representações legitimam práticas discriminatórias contra o grupo em questão.

### **Análise do corpus**

Foram analisados doze perfis. Todos eles administrados por surdos, em diferentes redes sociais: no Facebook e no Instagram. Selecionamos dois, dentre os doze, a saber Surdovisão e Isflocos. Como já mencionado, além do conteúdo da postagem, o outro critério da seleção foi o número de visualizações e curtidas.

(1) TEXTO 1- DEIXEM QUE NÓS FALEMOS POR NÓS.

Eu sou surdo

Não uso fantasia, brincando de surdo por um dia.

Não mesmo

Sou surdo todos os dias

Nossas vidas e experiências como pessoas surdas não são uma piada.

Nossas dificuldades e barreiras que vivenciamos são reais.

Nossa luta já acontece há muito tempo através de gerações.

Respeitem a nossa voz

e nosso lugar de fala.

Deixem que nós falemos por nós.

Fontes:<https://m.facebook.com/WhatsappSurdosLibras/videos/apagueo-video-e-mais-respeito-por-favor-surdos-tem-int%C3%A9rprete-traduzindo-tudo-1-391873405589698/>

Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=169857691449192>

Na primeira parte do texto, a marca do eu e do outro estão presentes na fala do autor. Mesmo que o referente seja a primeira pessoa, a fala reverbera para todo o grupo do qual faz parte, ou seja, a comunidade surda. Já no trecho “Respeitem a nossa voz e nosso lugar de fala. Deixem que nós falemos por nós”, ele se refere ao outro, aqueles que não participam da comunidade surda, ou seja, os ouvintes. Podemos notar, conseqüentemente, que há um jogo entre o eu *versus* a alteridade. Esse jogo marca estrategicamente a construção textual.

A postagem trata sobre a réplica ao vídeo de Juan Oliveira. Neste último, ele finge ser surdo por um dia e categoriza os surdos como "mudos"; "surdos-mudos". O discurso demonstra um saber estigmatizado sobre a comunidade surda. Além de desconhecer a língua brasileira de sinais, a Libras, ele faz também mímica e comentários como: “Se eu fosse mudo você não iria ficar comigo”, “Se eu fosse mudo você seria meu amigo?”. No fim, ele justifica que seu vídeo é para sensibilizar as pessoas sobre as dificuldades que os surdos enfrentam no cotidiano.

O autor do perfil Isflocos responde ao autor do vídeo, negando a RS negativa do grupo construída no primeiro texto, “pessoas não são uma piada”. O Isflocos faz uso dos léxicos: “fantasia”, “brincando” e “piada”, para negar as ideias do youtuber e expressar que ser surdo não é algo transitórios ou falso. Ele também defende que o surdo deve ser respeitado e não ridicularizado. A postagem obteve 87 mil visualizações e 73 comentários

O autor em questão faz uso também dos léxicos: “experiência”, “dificuldades”, “barreiras”, “lutas”, como reforço à defesa das experiências históricas vividas pelos surdos. O trecho, “Nossa luta já acontecem há muito tempo através de gerações”, destaca, por meio da memória coletiva sobre luta, uma RS de um grupo, que apesar dos preconceitos enfrentados, lutam pelos seus direitos. O autor (re)constrói a RS social sobre o surdo enquanto agente que tem voz e luta por gerações apesar dos preconceitos e barreiras enfrentados.

O autor usa “nossa voz” e “nosso lugar de fala” para defender que os surdos têm voz. Assim como também reivindica a representação social da Libras enquanto língua. Ou seja, o texto resposta marca, estrategicamente, a voz do “eu” – a comunidade surda – e a alteridade – os ouvintes. O texto nega a RS estigmatizada construída com base na noção da mudez e da incapacidade dos sujeitos surdos e reivindica uma RS ancorada na noção de agência; de luta e de capacidade.

## (2) TEXTO 2- COISAS QUE OS SURDOS ODEIAM

10 - Quando me convidam pra gravar sobre a Comunidade Surda ou sobre Libras para a matéria, depois não colocam legenda, nem tradução em Libras e fica sem nenhuma acessibilidade.

9 – Hei! Nossa vc sabe ler? Hei! Hei!

Como assim? Argh...

Aí... Hei! Hei! Você sabe escrever? Hei!

8 - Quando o ouvinte vai palestrar sobre o surdo sem ter nenhum surdo como referência. Não.

7 - Quanto tem um problema de comunicação em todo mundo fica me olhando. Ah... “Ela não sabe nada, melhor deixar ela pra lá.” E eu vejo que a pessoa falou por leitura labial diz que eu não sei nada?

6 - Quando a pessoa é um ouvinte professor de Libras, mas só fala em Libras em português. E aí dá palestras, dá explicações, se apresenta sempre em português e nada de Libras. Uhum!

5 – Ahhh... Coitados! Eles são surdos! Vamos ajudá-los! Vocês acham que precisamos de pena? Não, claro que não.

4 - Ouvintes falam mal língua de sinais, que não são fluentes e aí ensinam outros ouvintes a falar mal língua de sinais.

3 – Com todo o tempo experiência, pesquisa ensino que tenho vou palestrar em um evento com surdos e ouvintes, mas na hora de palestrar aviso: Surdos me desculpem, eu vou usar a fala, já vai ter Intérprete então estar acessível tá bom?

2 - Você não escuta? Hei, hei! Você não escuta nada? Nem um pouquinho? Você sabe ler os lábios? A boca aqui ó! Ó! Aí como que eu faço pra me comunicar? Ela não fala! Ela não escuta!

1- Quando uma pessoa chega e começa a falar sobre o surdo todo cheio de razão: Ah o surdo é isso o surdo é aquilo, o surdo é assim, o surdo é assado. Ocupando espaço sendo que não é uma pessoa surda e vai falar sobre o surdo?! Está pegando o lugar que não é seu, poh!

Respeite nosso lugar de fala.

Fonte: <https://www.instagram.com/tv/CDJYANxpTIZ/?igshid=dImplpol8jw6>

Fonte: <https://youtu.be/i4GmIoaaC7w>

O vídeo foi produzido por jovens surdos, homens e mulheres, participantes da comunidade e apoiadores da luta pelos direitos e saberes dos surdos, levantando alguns temas pertinentes sobre as dificuldades enfrentadas por eles em seu cotidiano na convivência com os ouvintes. Na primeira parte da legenda, o autor do perfil Isflocos escreve: “Coletivo Surdovisão – coisas que acontecem no dia a dia dos surdos e que nós *realmente* odiamos, feito com a ajuda dos meus amigos do grupo de empoderamento” [grifo nosso]. Destacamos o advérbio que foi utilizado para ratificar a condição de verdade para o grupo, já que eles falam com base em suas próprias experiências. O post rebate o vídeo criado por Darley Oliveira, no dia 25 de março de 2020, com o tema “10 coisas que os surdos odeiam”.

No conteúdo do vídeo, podemos identificar que o discurso do sujeito surdo é (re)construído por meio da perspectiva do outro sobre o surdo, ou seja, é marcado pela alteridade. A visão da alteridade é (re)construída, principalmente, a partir dos trechos do texto: “portador de deficiência”, “estranhos”, “dignos de penas” e “tratados como coitadinhos”, principalmente no que se refere à comunicação, como está marcado nos depoimentos 9,7,5 e 2. Nestes depoimentos, observa-se a (re)construção da RS sobre o surdo com base em elementos estigmatizados. A RS é (re)construída por meio do discurso do surdo, sustentada pelas experiências vividas enquanto grupo minoritário.

O uso equivocado da língua de sinais foi evidenciado nos depoimentos 6 e 4, destacando a falta de uso da língua ou o seu mau uso – conhecido como português sinalizado. Esses depoimentos refletem uma das principais causas de conflito entre surdos e ouvintes: o uso da Libras. Esse conflito é, na verdade, uma luta pelo poder entre ambos os grupos, uma vez que a Libras é o artefato cultural mais marcante da identidade da comunidade surda.

No depoimento 10, o autor destaca os direitos da comunidade surda no que diz respeito ao acesso as matérias gravadas. Uma vez que os surdos não podem ouvir a matéria, é imprescindível a legenda. O discurso do autor é, na verdade, uma luta por acessibilidade e, de uma forma mais ampla, por agência social.

Nos depoimentos 8, 3 e 1, podemos verificar uma luta pelo lugar de fala do surdo sobre temas que dizem respeito ao próprio surdo. A comunidade reivindica o direito à voz sobre assuntos que fazem parte do universo da surdez. Além disso, expõem um equívoco: alguns ouvintes falam sobre esse universo sem propriedade, como aconteceu com o vídeo de Darley. Isso pode ser oneroso para a comunidade, uma vez que esses discursos podem ratificar práticas e noções preconceituosas.

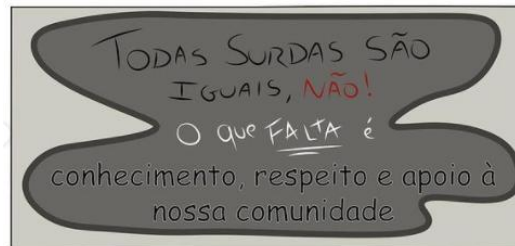
A postagem do Isflocos em parceria com Coletivo Surdovisão obteve 68,3 milhões de visualizações e 378 comentários. Por meio dos depoimentos, das hashtags e de alguns comentários, percebemos a (re)construção de um discurso de resistência, de luta por reconhecimento e pelo lugar de fala do sujeito surdo. O post analisado tem o intuito de promover e incitar discursos de combate e subverter noções estigmatizadas sobre o surdo.

(3) TEXTO 3- RÓTULO DE DIVERSAS SURDAS<sup>3</sup>



<sup>3</sup> Os títulos dos textos analisados não foram alterados, procuramos preservar a escrita original. Salienta-se que os textos foram escritos por sujeitos surdos. Portanto, a língua portuguesa é, para o grupo, uma segunda língua, a Libras é a língua materna da comunidade.





Fonte: <https://www.instagram.com/p/CFIx9sGpwiM/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>

O texto, além de expor as identidades surdas de acordo com a teoria de Perlin (1998), é um meio de luta por empoderamento do surdo por meio da (re)construção de categorias positivas da RS sobre o surdo, isso fica evidente ao apontar que “ser surdo é o melhor” (figura sobre os surdos flutuantes). O texto é construído com apenas uma cor: o cinza. Mas, a tonalidade divide-se em um mais claro e outro mais escuro. Essa divisão é significativa, uma vez que as categorias negativas estão alocadas no tom escuro que recorrentemente é (re)significado por tristeza, pesar e aspectos negativos. Na parte do cinza claro, a autora (re)constrói categorias positivas que ancoram a RS sobre o surdo, como: Libras – a língua materna da comunidade –, o empoderamento e a luta da comunidade; a capacidade e agência do surdo nas mais distintas esferas, como viajar; ter uma visão (opinião); “poder fazer tudo” etc.

O texto também expõe a existência de um grupo que estigmatiza os surdos por conta da ignorância em relação aos assuntos ligados à surdez, as categorias que compõe essa RS sobre o surdo estão alocadas na coluna cinza escura: “mudo”, ou seja, não possuem uma língua; “coitado”, trata o surdo como vítima de uma “condição” que o castra socialmente; ser surdo “traz vergonha” porque são encarados como “incapazes”. A autora procura subverter a atribuição de categorias negativas ao lutar pelo reconhecimento das diferenças da comunidade (inclusive, das diferenças entre os próprios surdos).

A publicação foi realizada no dia 14 de setembro de 2020, através do Instagram pelo perfil do Coletivo Surdovisão. A postagem obteve mil setecentos e setenta e duas curtidas. A autora correlaciona o texto e a imagem, na intenção de estimular a percepção e sensibilidade dos leitores, criando um todo significativo. A autora denuncia o principal problema da comunidade surda: a escassa disseminação de conhecimentos sobre o surdo, sobre a Libras e sobre a surdez.

Perlin (1998, p. 63-65) propõe a existências de cinco identidades surdas, são elas: “surda”, “híbrida”, “de transição”, “incompleta” e “flutuante”. Entendemos, no entanto, que a (re)construção das identidades não é um fenômeno estático nem fixo, mas a autora usa a referida teoria para construir seu discurso. Nos desenhos da postagem, a autora retoma essa teoria com a intenção de mostrar visualmente a heterogeneidade das identidades surdas.

Na primeira figura, a autora da postagem utilizou um vocabulário que ressalta a luta pelos direitos dos surdos, o reconhecimento da Libras, a representatividade da comunidade surda e respeito à individualidade do grupo em questão. Além disso, apresenta noções estigmatizadas sobre o surdo. Ela escolheu um léxico ofensivo para denunciar as agressões sofridas diariamente pela comunidade, como: “mudo”, “coitado”, “macaco”, “mímica”, entre outros. Em contrapartida, compôs o texto com o desenho do sinal *Deaf Power* (poder surdo), uma marca de luta como resposta à opressão majoritária. Através de oito imagens, cinco delas descrevem as identidades citadas por Perlin (1998), podemos entender que as identidades são divididas em: surdo híbrido, flutuante, de transição e a “embaçada” – que se aproxima da “incompleta” em Perlin (1998, p. 64). A autora usa o texto imagético para explicar as diferentes identidades surdas, de acordo com a teoria de Perlin (1998), e como elas transitam entre os grupos sociais em debate, surdos e ouvintes, em relação ao uso da língua de sinais, à oralização e ao português escrito. As figuras estão carregadas de ideologias que destacam elementos negativos presentes na RS sobre o surdo e que ratificam a influência e dominação ouvintista.

O texto, portanto, traz pressupostos que indicam uma imposição de crenças ouvintistas sobre educação e língua aos surdos. Em defesa, a autora, na postagem, mostra que os surdos possuem uma identidade, individualidade e diferenças. A postagem visa combater o preconceito contra a surdez. A autora, portanto, (re)constrói um discurso de resistência às ideologias dominantes e aos estereótipos sobre o sujeito surdo. Por meio das imagens, a autora oferece pistas significativas sobre a (re)construção da RS alicerçada na identidade surda, na luta e nas diferenças entre os próprios membros da comunidade surda.

Levando em conta a figura 1 e a articulação e internalização dos momentos que compõe a prática social, sintetizaremos a análise do *corpus*:

Momento discursivo 1  $\Rightarrow$  Vídeo de Juan de Oliveira

Léxicos selecionados: mudos; surdos-mudos  $\longleftrightarrow$  (re)construção de RS negativa ancorada em categorias estigmatizadas  $\longleftrightarrow$  Relação conflituosa entre o endogrupo X exogrupo.

Momento discursivo 2  $\implies$  Texto resposta de Isflocos

Léxicos selecionados: surdos; dificuldades; barreiras; luta; respeitem; lugar de fala  $\iff$  RS sobre o surdo ancorada na categoria lutador, desmistificando categorias estigmatizadas do momento discursivo 1  $\iff$  relação conflituosa entre o endogrupo X o exogrupo.

Momento discursivo 3  $\implies$  Texto Isflocos

Léxicos selecionados: acessibilidade; sabe; ler; escrever; comunicação; coitados; pena; ouvintes; professor; palestra; Libras ...  $\iff$  RS sobre o surdo ancorada em categorias que desmistificam representações estigmatizadas, como: surdos não sabem ler, escrever etc.

$\iff$  Luta por espaço social e acessibilidade  $\iff$  relação conflituosa entre surdos e ouvintes.

Momento discursivo 4  $\implies$  Texto Coletivo Surdovisão

Léxicos selecionados: surdos; luta; empoderamento; direito; Libras; respeito; capaz; valorização; mudo; não sabe; coitados; macaco; mímica, não capaz etc.  $\iff$  RS ancorada em categorias que valorizam a identidade surda; desmistificam categorias estigmatizadas  $\iff$  relação conflituosa entre surdos e ouvintes.

Por meio dos léxicos selecionados é possível verificar os conhecimentos acionados, as representações, que impactam no momento discursivo e como este último está relacionado aos demais momentos da prática. A RS (re)construída pelo sujeito ouvinte (exogrupo) é ancorada em elementos que estigmatizam os surdos como indivíduos dignos de pena porque não conseguem ouvir ou falar, são “surdos-mudos”. O momento discursivo marca o poder hegemônico ouvintista, a relação conflituosa entre surdos e ouvintes e a marginalização dos surdos. Já a resposta do Isflocos marca um momento discursivo onde a RS (re)construída é ancorada por elementos que negam a RS negativa e estigmatizada do momento anterior, enfatizando o direito ao lugar de fala do endogrupo e luta por espaço social marcado pelo poder hegemônico do exogrupo. O momento discursivo 3, assim como o anterior, marca a (re)construção da RS sobre o surdo ancoradas em elementos que desmistificam categorias estigmatizadas que circulam entre a sociedade ouvinte, como: surdo não sabe ler ou escrever, surdos são coitados. Além disso, o momento discursivo também marca a luta do endogrupo por espaço social ao exigir “Quando uma pessoa chega

e começa a falar sobre o surdo todo cheio de razão: [...]Ocupando espaço sendo que não é uma pessoa surda e vai falar sobre o surdo?! Está pegando o lugar que não é seu, poh! Respeite nosso lugar de fala”. A RS (re)construída no momento discursivo 4 é ancorada em categorias que valorizam a identidade surda, como “empoderamento”; “capaz”, “Libras”, ao mesmo tempo, nega as categorias estigmatizadas, como “macaco”; “mímica”; “coitados”.

Podemos verificar relações conflituosas entre o endogrupo e o exogrupo por meio do jogo representacional sobre os surdos, acessado por meio das marcas linguísticas nos textos analisados. As RS (re)construídas pelos surdos salientam: 1) a necessidade de negar categorias estigmatizadas que circulam entre grupos ouvintistas; 2) uma luta constante contra a marginalização social, o poder hegemônico ouvintista e por espaço social; 3) a reivindicação de uma identidade surda valorizada.

A partir das análises realizadas, nos perfis Surdovisão e Isflocos, podemos perceber, por meio das marcas linguísticas apontadas nas análises, a (re)construção de uma RS positiva para o sujeito surdo por meio da elaboração de discursos de resistência, com objetivo de demonstrar a representatividade da comunidade e o surdo como um sujeito empoderado, capaz e falante de uma língua, a Libras. Neste sentido, para resgatar e sintetizar os elementos que ancoram a RS sobre o surdo dentro dos discursos analisados, neste artigo, segue a tabela:

Tabela 2

*Elementos positivos e negativos presente nos discursos analisados*

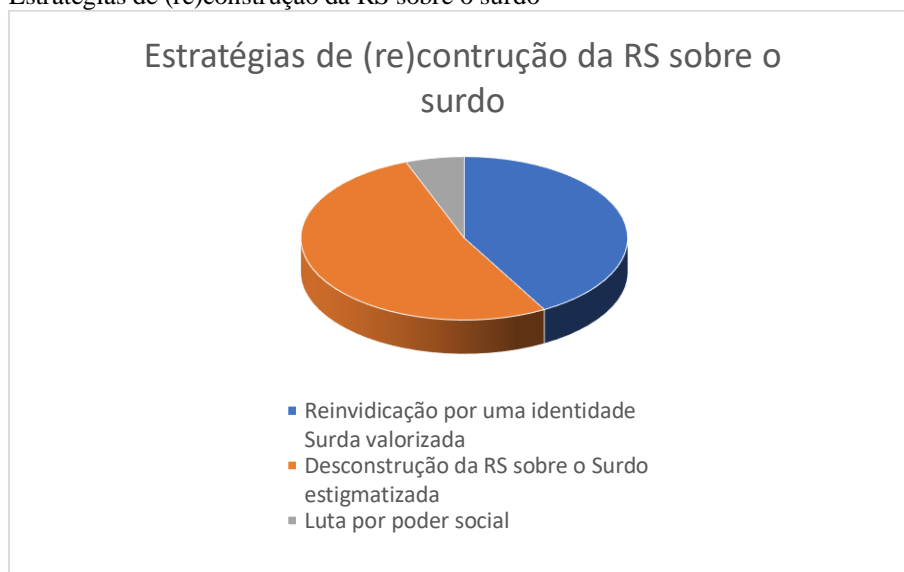
<b>Elementos Positivos</b>	<b>Elementos Negativos</b>
Representativo, empoderado, capaz e criativo.	Incapaz de: falar, comunicar-se, namorar ou ser amigo de ouvinte, etc.
Que luta por direitos, por respeito e pelo lugar de fala.	Estereótipos: mudo, surdo-mudo, coitados.
Valoriza sua língua, cultura e identidade.	Ser surdo é: vergonhoso, transitório ou piada.

Fonte: autoria própria.

Além disso, verificamos três estratégias principais que sustentam os momentos discursivos: 1) reivindicação por uma identidade Surda valorizada – “eu sou surdo” (texto 1); “ser surdo é o melhor” (texto 3) –, 2) desconstrução da RS sobre o Surdo estigmatizada – “pessoa surda não são piada” (texto 1); “ela não sabe

nada” (texto 2) – e, por fim, 3) luta por poder social – “Ouvinte professor de libras” (texto 2); “uma pessoa chega e começa a falar sobre o surdo todo cheio de razão” (texto 2). Observe o número de incidências de uso das três estratégias supracitadas:

Gráfico 1  
Estratégias de (re)construção da RS sobre o surdo



Fonte: autoria própria.

Por meio dos resultados apresentados, constatamos que os discursos do grupo social são motivados por uma luta para alcançar reconhecimento social e/ou lugar de fala. Há, portanto, um constante embate dos surdos por acesso a bens socialmente valorizados. Esse combate se dá na arena discursiva entre o olhar do sujeito surdo sobre si e o olhar do outro, os ouvintes, com o propósito de defrontar as representações sociais negativas/ estigmatizadas que a sociedade ouvinte (re)constrói sobre sujeito surdo, que legitimam crenças preconceituosas e práticas sociais discriminatórias. Constatamos que a estratégia mais usada é, por isso, a desconstrução da RS estigmatizada sobre o surdo.

## Conclusão

Na pesquisa, discutimos alguns princípios teóricos basilares da TRS que considera a representação um amálgama de conhecimentos socialmente compartilhado, um saber prático que auxilia os sujeitos a agir. A TRS tem como um dos desafios compreender/ explicar a (re)construção desses conhecimentos socialmente compartilhados. Ademais, pela Análise Sóciocognitivista do Discurso buscamos suporte teórico- metodológico para as análises realizadas, levando em consideração as escolhas lexicais; o texto imagético e outros critérios. O mais importante, o entrelaçamento das teorias nos deu o suporte teórico-metodológico necessário para entender a (re)construção da RS sobre o surdo nos discursos elaborados por surdos que circulam nas redes sociais. Procuramos averiguar, por meio das marcas linguísticas, as crenças que subjazem as práticas discursivas.

Como foi exposto na seção do corpus/ análises, percebemos que a RS sobre o surdo (re)construída dentro do discurso da própria comunidade tem como principal objetivo angariar categorias positivas, usando léxicos como: “empoderado”; “capaz”; “criativo” – observar a tabela 2 – e negar a (re)construção de uma RS negativa (re)formulada a partir do olhar da alteridade, dos ouvintes, constituída por léxicos como: “incapaz”; “surdo-mudo”; “coitados”; “vergonhoso” – observar a tabela 2.

Para tanto, apuramos três estratégias discursivas principais que servem de sustentáculo para atingir os objetivos da comunidade em questão, tanto no que diz respeito à (re)construção de uma RS sobre o surdo positiva, como no que diz respeito à negação da RS negativa (re)construída sob o olhar da alteridade, são elas: 1) reivindicação por uma identidade Surda valorizada, 2) desconstrução da RS sobre o Surdo estigmatizada e 3) luta por poder social – observar o gráfico 1.

Concluimos que os discursos dos surdos são atravessados por luta pelo reconhecimento e/ou pelo lugar de fala. Geralmente, com o intuito de combater as representações sociais negativas/ estigmatizadas que a sociedade ouvinte possui sobre sujeito surdo, que legitimam crenças preconceituosas e práticas sociais discriminatórias. A estratégia mais usada, nos textos analisados, é a desconstrução da RS sobre o surdo estigmatizada. A escolha dessa estratégia é reveladora no que diz respeito à necessidade de a comunidade combater práticas/ discursos que marginalizam e estigmatizam o surdo.

A presente pesquisa é uma introdução às análises discursivas que centralizam a RS sobre o surdo, sendo ainda um campo incipiente, mas urgente. Isso porque, o primeiro passo para subverter práticas discriminatórias

socialmente naturalizadas é descortiná-las. Nossa pesquisa investigou momentos discursivos elaborados por surdos engajados nas pautas de interesse do grupo. No entanto, muitos surdos não tem nem acesso à Libras, como estes (re)constroem a RS sobre o surdo? Quais são as categorias que ancoram a RS sobre os surdos? Há diferença nas categorias que ancoram a RS sobre surdos (re)construídas por surdos que circulam no universo reificado e surdos que não tem essa oportunidade? São possíveis caminhos para novos estudos sobre o assunto.

### Referências

- Abella, L. B. G.** (2017). *O poder hegemônico das redes sociais: uma análise crítica do discurso de quem “vai pra rua”* (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Abric, J. C.** (2003). A abordagem estrutural das representações sociais: Desenvolvimentos recentes. In P. H. Campos & M. C. S. Loureiro (Eds.), *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 37–57). UCG.
- Abric, J. C., Rateau, P., Moliner, P., & Guimelli, C.** (2012). *Handbook of theories of social psychology*. London.
- Abric, J. C.** (2005). *Méthodes d'études des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès.
- Acioli, M. D., Andrade, M. E. A., & Peixoto, J. G. de M.** (2021). “Construindo uma comunidade global”: Análise crítica sobre as estratégias de tecnologização do discurso do Facebook. *Organicom*, 18(36), maio/agosto. Disponível em: <https://www.organicom.org.br>
- Alencar, R.** (2004). *O discurso científico e a construção coletiva do saber: A dimensão interativa da atividade acadêmico-científica* (Tese de doutorado). Recife, Brasil.
- Alencar, R.** (2008). Processos de categorização social: Emergência de categorias sociais na fala em interação. *Revista Investigações*, 21(2).
- Almeida, A. de O.** (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Soc. Estado*, 24(3), 713–737. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922009000300002>
- Arruda, A.** (1998). O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In A. Arruda (Org.), *Representando a alteridade* (pp. 147–159). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Arruda, A.** (2014). Representações sociais: Dinâmicas e redes. In A. M. de Almeida, M. de F. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 1–17). Brasília: Technopolitik.
- Carneiro, M. T., & Soares, T. M. Z.** (2003). Representação social em textos da mídia. In M. A. L. Pauliukonis & S. Gavazzi (Orgs.), *Texto e discurso: Mídia, literatura e ensino* (pp. 97–109). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Clemence, A., Doise, W., & Lorenzi-Cioldi, F.** (1994). Prises de position et principes organisateurs des représentations sociales. In C. Guimelli (Org.), *Textes de base en sciences sociales: Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 73–84). Paris: Delachaux et Niestlé.
- De Melo Resende, V., & Vieira Sebba Ramalho, V.** (2021). Análise de discurso crítica: Uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, 5(1), 27–50. <https://doi.org/10.35956/v.5.n1.2005.p.27-50>
- Doise, W.** (2002). Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27–35.
- Doise, W.** (2014). Sistema e metassistema. In A. M. de Almeida, M. de F. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 55–70). Brasília: Technopolitik.
- Doise, W.** (2015). Psicologia social e mudança social. In J. C. Jesuíno, F. R. P. Mendes, & M. J. Lopes (Orgs.), *As representações sociais nas sociedades em mudança* (pp. 17–28). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Durkheim, É.** (1994). *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ícone.
- Durkheim, É.** (2001). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Martin Claret.
- Fairclough, N.** (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB.
- Falcone, K.** (2016). *O discurso da mídia: Legitimação e categorização social*. Recife: Editora UFPE.
- Flament, C.** (2001). Estruturas e dinâmicas das representações sociais. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 153–172). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Irineu, L. M.** (2013). Discurso, sociedade e cognição: Notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, 1(1), 155–173.
- Jodelet, D.** (1984). Réprésentation sociale: Phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Org.), *Psychologie sociale* (pp. 195–209). Paris: Presses Universitaires de France.



- Jodelet, D.** (1991). Représentations sociales: Un domaine en expansion. In D. Jodelet (Org.), *Les représentations sociales* (2nd ed., pp. 11–26). Paris: PUF.
- Jodelet, D.** (1998). A alteridade como processo e produto psicossocial. In A. Arruda (Org.), *Representando a alteridade* (pp. 47–67). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jodelet, D.** (2015). *Loucura e representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Leme, M. A. V. da Silva.** (1995). O impacto da teoria das representações sociais. In M. J. P. Spink (Org.), *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 47–57). São Paulo: Brasiliense.
- De Leme, S.** (2023, agosto 21). “Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez”. *Jornal da USP*. Disponível em: [https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20\(Instituto%20Brasileiro,ou%20seja%2C%20n%C3%A3o%20escutam%20nada](https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20(Instituto%20Brasileiro,ou%20seja%2C%20n%C3%A3o%20escutam%20nada).
- Marková, I.** (2006). *Dialogicidade e representações sociais: As dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Menezes, T. D. de.** (2020). *A (re)construção da representação social sobre o surdo e suas marcas discursivas* (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Menezes, T. D. de.** (2021). A abordagem dialógica e o discurso: Um estudo sobre a representação social sobre os surdos. *Cadernos de Linguística*, 2(4), e421.
- Moscovici, S.** (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S.** (2003). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici, *Representações sociais: Investigações em psicologia social* (pp. 29–61). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S.** (2015). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Perlin, G. T. T.** (1998). Identidades surdas. In C. Skliar (Org.), *A surdez: Um olhar sobre as diferenças* (pp. 69–84). Porto Alegre: Mediação.
- Sá, C. P. de.** (1995). Representações sociais: O conceito e o estado atual da teoria. In M. J. P. Spink (Org.), *O conhecimento no cotidiano: As*

- representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 19–45). São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P. de.** (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sá, C. P. de.** (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Sacks, O.** (2010). *Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, A. S.** (2015). Discurso na mente e na comunidade: Para a sinergia entre Linguística Cognitiva e Análise (Crítica) do Discurso. *Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos*, 19(1), 53–78.
- Sawaia, B. B.** (1995). Representação e ideologia: O encontro desfeticizador. In M. J. P. Spink (Org.), *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 72–84). São Paulo: Brasiliense.
- Spink, M. J. P.** (1995). O estudo empírico das representações sociais. In M. J. P. Spink (Org.), *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 85–108). São Paulo: Brasiliense.
- Staerklé, C.** (2009). Policy attitudes, ideological values and social representations. *Social and Personality Psychology Compass*, 3(7), 1.096–1.112.
- Staerklé, C.** (2015). O bom cidadão: Ordem social e antagonismo intergrupais no pensamento político do senso comum. In J. C. Jesuino, F. R. P. Mendes, & M. J. Lopes (Orgs.), *As representações sociais nas sociedades em mudança* (pp. 111–128). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Van Dijk, T. A.** (1998). *A ideologia: Una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Van Dijk, T. A.** (2008). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.
- Van Dijk, T. A.** (2015). Discurso e cognição na sociedade. Tradução de L. Mozdzenski. *Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos*, 19(1), 19–52.
- Van Dijk, T. A.** (2002). Discurso y racismo. Tradução de C. Berger. *Persona y Sociedad*, 15(3), 191–205.  
<http://www.dicursos.org/oldarticles/Discurso%20y%20racismo.pdf>
- Van Dijk, T. A.** (2016). Discurso-cognição-sociedade: Estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. Tradução de P. Theobald. *Letrônica: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, 9(esp.), s8–s29. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189>

**Wodak, R., Meyer, M., Titscher, S., & Vetter, E.** (2000). *Methods of text and discourse analysis*. London: Sage Publications.

**Wodak, R.** (2003). El enfoque histórico del discurso. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.), *Métodos del análisis crítico del discurso* (pp. 101–142). Barcelona: Editorial Gedisa.

**Wodak, R., & Krzyzanowski, M.** (2008). *Qualitative discourse analysis in the social sciences*. New York: Palgrave Macmillan.

### Nota biográfica

	<p><b>Tayana Dias de Menezes.</b> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE- 2011) e Doutora em Linguística pela mesma instituição, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE- 2020). É professora (DE) do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE- Campi Recife), vinculada ao departamento de português, mas atuando especialmente nas disciplinas de português, enquanto segunda língua (L2), no curso de Letras- Libras da UFPE. A partir do presente ano (2024), coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Libras (NEPEL). É vice-coordenadora do Grupo de pesquisa linguagens e estudos Afro-Latino Americanos (LEAFRO. UFPE). Professora pesquisadora/ orientadora PIBIC desde do ano de 2020 até o presente ano, tendo o trabalho apresentado, no 30º Conic, conquistado 1º lugar na área de linguística, letras e artes do PIBIC.</p> <p><b>ORCID:</b> <a href="https://orcid.org/0000-0002-9338-8395">https://orcid.org/0000-0002-9338-8395</a> <b>E-mail:</b> <a href="mailto:tayana.menezes@ufpe.br">tayana.menezes@ufpe.br</a></p>
--	--

